

A Favor do Feriado

RUBEM BRAGA

NÃO quis o governo tirar tudo ao povo; tirou-lhe o direito de escolher o presidente da República, mas não lhe tirou o feriado. Direis que não há lógica nisso; se era feriado para que o povo pudesse votar, e se o povo não mais vai votar, o lógico seria que não fôsse feriado.

A verdade é que na lei antiga não era preciso decretar um feriado para as eleições, pois estava escrito que elas seriam feitas em um domingo, o primeiro de outubro. Há quem diga que esse feriado estapafúrdio vem do temor de que o povo, nas ruas, fizesse manifestações de protesto e desagrado por ver um Congresso truncado, em uma legislatura em liquidação, eleger a muque um candidato único.

Triste, pífia, eleição esta. Na verdade, todos nós nos sentimos um pouco envergonhados, dessa vergonha que a gente tem quando assiste a um ato teatral ridículo e mal ensaiado. Vergonha pelos outros, pelos autores e atôres, homens já de certa idade a fazer esses papéis. Se há quem sinta revolta, acho precipitado supor que esse sentimento se haja desvanecido na terça-feira, e logo o feriado é inútil.

Quereis saber o que penso, posso falar com franqueza? Pois direi que eu seria o último a protestar contra esse feriado: sejam quais forem seus motivos, é a primeira coisa que nestes dois anos e meio se faz a favor do povo que trabalha, a primeira colher de chá que se oferece neste regime, ao pobre trabalhador; que ele folgue, santo Deus, isso já é alguma coisa.

Direis que essa folga dos trabalhadores será prejuízo para a Nação, como um todo; que seja; tantos sacrifícios têm sido impostos aos pobres em nome de um suposto interesse da Nação, que não é demais lhes dar, a esses pobres, um dia de folga a mais, de 4 em 4 anos, na hora de mudar de marechal.

Falei em teatro; confesso que não sou muito de teatro, e uma coisa que me desanima nele é o tédio dos entreatos. Neste ponto, a farsa eleitoral que vamos assistir com cara de parvos, bate todos os recordes: o intervalo será de seis meses entre a «eleição» e a posse. Um marechal não tem pressa de sair, e outro diz que não tem pressa de entrar. Haverá um longo lusco-fusco, em que um, orgulhoso, mas em agonia, vai querer mostrar que ainda é ele quem manda; e outro, desconfiado, mas cara-de-páu, afetará segurança de chegar ao poder. Dois crepúsculos, um da noite, outro da manhã, mas a mesma penumbra de túnel.

A conclusão é que os marechais também sofrem; menos mal. E vamos aproveitar o feriado, que disso tudo é a só coisa a nosso favor.

3/10/66